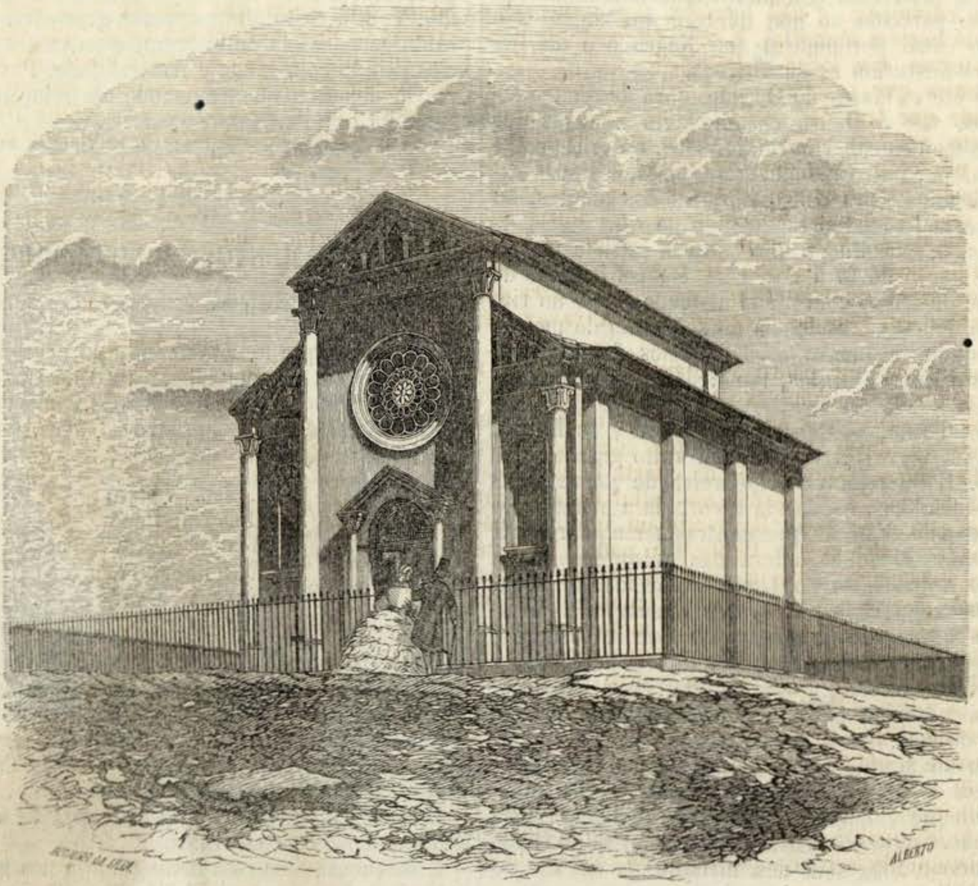
PORTO



Capella de Carlos Alberto

No extremo da cidade do Porto, para o lado do poente, estende-se um vasto terreno, levemente accidentado, mas erguido a muita altura sobre o nivel do mar por escarpadas rochas graniticas. De uma torre que ahi existia outr'ora, e que fôra construida para servir de balisa aos navios que demandavam a barra, veiu ao sitio o nome de largo da *Torre da Marca*.

Pela parte do norte, onde o terreno se levanta mais, prolonga-se uma correnteza de mesquinhas barracas habitadas por familias pobres. Pelos lados do oriente e occidente limitam o largo muros de quintas.

Em toda a frente, que é a parte do sul, despenha-se a penedia, como em degrau e degrau até á nova e bella rua da *Restauração*. D'ahi até ao rio ainda desce muito aquella massa de rochas, ora servindo de base a edificações, ora cortada por varias ruas.

Pois ainda assim, apesar de ser agreste e quasi ermo, o largo da Torre da Marca é um logar summamente aprazivel. Não ha sitio no Porto de mais dilatado horisonte, nem de vistas mais alegres e amenas, nem de contrastes mais completos e pittorescos.

Se o espectador se colloca junto á escarpa do monte, tem a seus pés o Douro, e o bairro que se estende por fóra dos velhos muros da cidade, chamado Miragaia, e defronte, por todos os lados a verdejar, a margem montanhosa onde se encosta *Valle da Piedade*, antigo convento de capuchos, transformado em residencia e estabelecimento fabril do sr. visconde d'aquelle titulo, romantica propriedade toda encaixilhada em arvoredos. Um pouco mais para a esquerda, lá está *Gaia* sentada em throno, com as suas casas entremeiadas de arvores, desde a crista do monte, onde campeou em remotas eras o celebrado *castello de Gaia*, até se banharem na fugitiva corrente do Douro.

Segue-se logo, tambem para a esquerda, *Villa Nova de Gaia*, essa industriosa povoação, e grande deposito dos vinhos do Douro, edificada ao longo da praia, e tambem reclinada n'uma elevada collina que mal deixa ver aquella immensa casaria, resplandecente d'alvura, sob a copa frondosa dos bosques que a vestem inteiramente. Onde acabam estes verdores levanta-se com magestoso aspecto a serra do *Pilar*, que parece alli posta por mão d'artista, para dar maior realce, com suas fragas inhospitas e denegridas, ás formosas e amenas paizagens que a separam de Villa Nova e Quebrantões.

Por detraz da serra do Pilar e de Villa Nova de Gaia vêem-se a alvejar, por entre massiço de verdura, o *Candal* com as suas bonitas casas de negociantes inglezes, *Mafamede*, e outras não menos lindas al-

deias. E além, muito mais para além, formando o fundo do quadro, avultam cordilheiras de serras, tintas de roxo-azul pela distancia.

Se os olhos se volvem para a direita até fitar no poente, o espectador poderá julgar-se transportado ás alturas que dominam o Bosphoro, tão formoso, variado e pittoresco é o painel que tem diante de si, e tão parecido ao que offerece aos viajantes o afamado canal por onde o mar Negro e o mar de Marmara misturam as suas aguas.

D'alli até se lançar no Oceano, obra de quatro kilometros, vae o Douro correndo em zig-zags por meio de montes cobertos de florestas, ou eriçados de penedos, por entre risonhas povoações, e lindas casas de campo, que das quebradas dos montes, ou das encostas, se estão espelhando no rio.

Primeiro está *Massarellos* junto á estrada marginal que une o Porto á Foz, com as suas fabricas de fundição de ferro, com a sua alameda a par do rio, e com a deliciosa residencia do sr. barão do mesmo titulo, n'um reconcavo coroado pelos frondissimos bosques *d'Entre Quintas*, tão rico de arvores exoticas.

Logo adiante, sobranceira á estrada e ao Douro, ergue-se a serra *d'Arrabida* com vulto gigantesco e sinistro. É uma immensa pedreira de pardacentas rochas graniticas, escalvada e cortada a prumo pelo alvião e pelo fogo, e que contrasta singularmente com a amenidade e belleza das paizagens que a cercam. A povoação do *Ouro*, immediata á serra, com os seus estaleiros e cordoarias sempre tão animados, com o seu gazometro de que se fornece a cidade, e com as suas alamedas tão copadas, não é menos interessante e aprazivel que Massarellos.

Depois segue-se a Foz, essa encantadora estação de banhos do mar, que se debruça sobre o Douro, guarnecendo ao mesmo tempo as praias do Oceano, e por todos os lados cingida de verdura. O castello de *S. João*, que defende a barra; o *Cabedello*, que a estreita e obstrue com suas alvissimas areias; o Oceano infindo e magestoso; a margem do sul do rio aformoseada por arvoredos silvestres que se entremeiam de prados viçosos, e pelo *palacio gothico de Sampaio*, com suas esbeltas galerias e torrinhas de cupula ponteagudas, completam o maravilhoso panorama que se desfructa do largo da Torre da Marca.

N'esse proprio ponto, onde collocámos o espectador, erigiu a piedade fraternal um monumento de religiosa saudade á memoria do rei da Sardenha, Carlos Alberto.

A fundadora foi a princeza Augusta de Montlear, irmã d'aquelle desditoso monarcha. A escolha do logar foi devida, mais que á belleza e desafogo da situação, á sua proximidade da quinta e casa onde residiu e falleceu Carlos Alberto.

O monumento é pois uma elegante capella, cuja frontaria está voltada para o occidente, ostentando-se aos viajantes que demandam a barra do Porto, ainda em distancia de algumas legoas da foz do Douro.

Tres vezes veiu a princeza ao Porto para designar o sitio da fundação, para lançar a primeira pedra nos alicerces, e dar impulso e remate ás obras. O risco da capella foi feito em Turim.

Exteriormente dispensa-nos de descripção a gravura que publicâmos, que é verdadeira, e está bem intelligivel. Bastará dizer, que o templo é todo construido de pedra, extrahida das pedreiras das immediações da cidade, que é uma especie de granito.

Interiormente está o templo decorado com singeleza, a que não falta inteiramente o bom gosto, posto que se lhe notem alguns defeitos.

As duas iniciaes do nome de Carlos Alberto apparecem em todos os capiteis das columnas que adornam o altar-mór, das que sustentam a cúpula, e das pilastras que guarnecem o templo.

É dedicada esta capella a S. Carlos Borromeu, cuja imagem esculpida em excellente marmore avulta no altar-mór, que é o unico que ha no templo. É uma estatua colossal de nobre porte e primorosa esculptura, vinda de Italia em setembro do anno passado. Tem o rosto summamente expressivo, a posição do corpo cheia de nobreza, e as vestes cardinalicias caindo com graça e naturalidade. Pareceu-nos todavia demasiadamente grande em relação á capacidade da capella.

I. DE VILHENA BARBOSA.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

(Conclusão. Vid. pag. 394)

Consta-nos que fôra tambem aqui descoberta, copiada, e remettida em 25 de abril de 1797, á academia real das sciencias de Lisboa, pelo seu meritissimo presidente, o duque de Lafões, [1] est'outra inscripção:

C. JUL. VECEFO
FLAMINI PRO
VINCIE LUSITA
NII PROPINIA
STAFRA. MARI
TO. OPTIMO.

Deve ler-se:

Caio Julio Vecefo Flamini Provinciæ Lusitanæ: Propinia Stafra Marito Optimo.

A sua significação em linguágem é a seguinte:

Propinia Stafra a seu optimo marido Caio Julio Vecefo, Flamine da Provincia Lusitana.

Devem converter-se em E os dois II com que termina a palavra LUSITANII.

É frequentissima esta orthographia nos marmores antigos, como adverte André de Resende na sua obra *De Antiquitatibus Lusitaniæ, tom.* 1, *pag.* 234, edição de Coimbra.

Fr. Bernardo de Brito na *Monarchia Lusitana, liv.* 4.º, *cap.* 12, *tom.* 1.º, pag. 137 (edição da academia), narra extensamente, como o Propretor Quinto Cassio Longino (a quem Cesar, quietas as coisas de Hespanha com a victoria dos capitães de Pompeo, deixára no governo de Portugal e da Andaluzia) accommetteu os moradores de Medobriga, e lhes saqueou a cidade, fazendo depois aspera guerra aos moradores do novo monte Herminio, para onde se recolheram os medobrigenses.

E esta narração é confirmada por André de Resende com uma passagem do *Itinerario* de Antonino, como póde ver-se na sua já citada obra *De Antiquitatibus Lusitaniæ, lib.* 1, *pag.* 68.

La Clede, ao descrever o caracter de Q. Cassio Longino, diz: «Sitiou Medobriga, que ainda conservava a voz de Pompeo, tomou-a, e fez prisioneiros a todos os habitantes.» [2] Não faz, todavia, menção da retirada dos medobrigenses para o Herminio.

Jeronymo Soares Barbosa tambem narrou o successo, no seu *Epitome Lusitanæ Historiæ, cap.* IV, referindo-o ao anno 708 de Roma, e 46 antes da vinda de Christo, guiando-se pelo que historiou *A. Hirtius, De Bello Alexandrino, cap.* XLVIII; não se conformou, porém, em algumas circunstancias, com o additador dos commentarios de Cesar.

«Medobrigam autem sitam fuisse in monte, ubi

[1] N'este anno andou, effectivamente, o duque por estes sitios, como consta das *cartas* ao A. da *Historia Geral da Invasao dos Francezes em Portugal, por F. de Borja Garcao Stokler*, pag. 17.

[2] *Historia Geral de Portugal, tom. 1, liv. 2.º, pag. 211.*

nunc est Portusalacris, Arucis, Alacretum, et Marvanum, ad cujus radices est Araminia *(Aramenha)*, libenter cum *Resendio* crediderim. Nam et congruunt itinera viæ militaris ab Olisipone Medobrigam ab *Antonino* descripta, et plumbi fodinæ, quæ Medobrigensibus *Plumbariorum* etiam nomen fecere, teste *Plinio*. Sed eumdem montem Herminium illum esse ab *Hirtio* notatum, in quem profugere Medobrigenses, assentiri non possum. Neque enim satis tutum perfugium eisdem præstare posset mons nullatenus præruptus, idem que et oppido proximus, et facile pervius. Credo igitur hunc montem eumdem esse, quem veteres modo *Herminium*, nos *Stelæ* vocamus, quique commune erat perfugium miserorum, qui a Prætoribus vexati redigebantur ad incita. Nec obstat locorum distantia. Veteres enim Lusitanos montanos que in primis, celeres, agiles, versatiles fuisse scimus; atque, ut Herminienses populi decem ante annis a *Cæsare* ipso exagitati haud ita multis itineribus profugere Londobrin; ita Medobrigenses vicissim ad Herminium, non amplius octodecim leucas recta dissitum, facile biduo pervenire poterant. »

Quer dizer em linguagem:

« Acredito, de boa mente, com André de Resende, que a cidade Medobriga estivesse situada no monte, onde agora está Portalegre, Arronches, Alegrete, e Marvão, em cujas raizes fica *Aramenha;* porque não só concorda com similhante situação a distancia, pela via militar, de Lisboa a Medobriga, marcada no itinerario de Antonino, mas as galerias de exploração da mina de chumbo, que, segundo Plinio, fizeram dar aos medobrigenses o cognome de *Plumbarios*. No que me não conformo é que seja o monte Herminio, que notou Hircio, aquelle para onde se refugiaram os medobrigenses. Não lhe podia servir de guarida com sufficiente segurança um monte, que não é talhado a pique, e, de mais a mais, tão proximo da cidade, e tão facilmente accessivel. Estou persuadido que, de feito, se retiraram, mas para a serra da Estrella, que os antigos denominaram Herminio; porque esta era o refugio de todos os desgraçados que os Pretores reduziam ás angustias a que foram reduzidos os medobrigenses. Nem faça duvida a distancia dos logares; porque é geralmente sabido, que os lusitanos, mórmente os montanhezes, eram leves, ageis, accelerados nas suas marchas: e assim como os povos herminios, dez annos antes, poderam retirar-se em poucas jornadas para a Berlenga, quando perseguidos pelo proprio Cesar em pessoa; tambem os medobrigenses, quando lhes tocou por sua vez a retirada, poderiam, sem grande fadiga, chegar em dois dias ao Herminio, distante apenas dezoito legoas por caminho direito. »

Estamos convencidos que Jeronymo Soares Barbosa nunca viu Marvão, nem d'esta praça teve exacta noticia, porque, se a tivesse de sua formidavel posição, talhado effectivamente a pique no logar por onde os romanos, saindo de Medobriga, deviam invadil-a, montuosa [1] e aspera por todas as outras partes por onde podia subir-se, [2] não nol-a pintaria tão accessivel. E que o não é demonstrou-o a historia do sitio que soffreu e repelliu na ultima guerra civil.

[1] É Marvão, ou o seu montuoso sitio, um braço d'aquella dilatada serra, a que dão o titulo de Estrella (que ennobrece a provincia da Beira), e n'este sitio da provincia do Alemtejo mostra as mesmas qualidades que ostenta na sua primeira origem. Com estas conserva n'esta parte o brazão de seu antigo nome *Herminio*, que hoje está viciado em Marvão; mas ainda menos occulto nos vestigios da famosa cidade de Medobriga, que apparecem nas faldas d'este monte, com o titulo de *Aramenha*, por sua contemplação e respeito.
Santuario Mariano por Fr. Agostinho de Santa Maria, tom. 3.º, liv. IV, *tit.* III, *cap.* III, *pag. 372.*

[2] Sobe Marvão por espaço de meia legoa, chegando a uma sublimidade tão grande, que d'ella se descobre a serra da Estrella, e das partes de Castella os altos montes de Bejar, parecendo estes pela distancia, e os circunvisinhos pela inferioridade, valles humildes, quando são contemplados de sua grande eminencia.
Santuario Mariano no l. cit.

E se os herminios não poderam sustentar-se, dez annos antes, em suas montanhas naturaes, com particular conhecimento das mais defensaveis, sendo compellidos a abandonal-as, não é maravilha que os medobrigenses, a quem este facto não podia ser desconhecido, não procurassem tal asylo, ousando antes esperar o inimigo nos cabeços invios do pequeno Herminio.

III

HERMINIO

Monte Herminio era o nome que em tempos remotissimos teve a serra da Estrella; e foi assim chamada porque na antiga linguagem da Hespanha, *Hermunho* ou *Herminio* queria dizer aspero e intratavel, como na realidade o é este monte, pela aspereza de seus altissimos penedos, e antigamente o era ainda mais pela fereza de seus habitantes; porque, não só os homens eram duros de sujeitar (como o experimentaram os romanos), mas egualmente rusticas e agrestes eram as mulheres. [1]

A serra da Estrella chamavam, pois, os nossos antigos, *Herminio maior*, e á de Marvão *Herminio menor;* [2] e n'este sentido é que Duarte Nunes de Leão, na sua *Descripção do Reino de Portugal, cap.* IX, *pag.* 54, diz:

« Ao longo d'este *monte Herminio*, e á sua sombra estão muitos logares, de que alguns são grandes e nobres, como a cidade de Portalegre, as villas de Arronches, Marvão, Alegrete, e a cidade de Medobriga, que em tempo dos romanos foi grande e bem edificada, segundo mostram suas ruinas, e parte dos edificios que hoje se vêem, a qual, por estar ao pé do *monte Herminio*, a gente popular chama Armenha. »

Mais expresso é ainda o padre João Baptista de Castro, que, no seu *Mappa de Portugal, tom.* 1, *cap.* 6, tratando dos montes, promontorios e serras de maior nome, referindo-se particularmente a Marvão, diz:

« Esta serra é o *Herminio menor*, onde ha minas de oiro e de chumbo, e ainda se vêem ruinas da cidade Meidobriga. » [3]

André de Resende, na sua já por vezes citada obra *De Antiquitatibus Lusitaniæ, lib.* 1, *tom.* 1, *pag.* 68, fallando *De monte Herminio*, diz:

Herminium montem, et olim in epistola ad Emmanuelem Sosam Arrumcensis castri præfectum, virum nobilem et eruditum, et post ad Joannem Vasaeum, ostendi eum esse, in quo Alacriportus civitas, Arruncis, Alacretum, Marvanum, aliaque oppida non contemnenda, sita sunt. Ad quujus radices extant adhuc Meidubrigæ urbis ruinæ, non procul a Marvano castro, quujusque editissimum culmen super dirutam urbem, etiam dum veterem appellationem retinet. Herminius enim mons vocatur.

Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est, Herminia vulgo dicitur, sive, ut lusitane loquar *Haraminia*. »

Quer dizer em linguagem:

« Já ha tempo mostrei em carta dirigida a Manoel de Sousa, Alcaide-mór de Arronches, varão nobre e erudito, e n'outra posterior a João Vaseu, que era no *monte Herminio* que estava situada a cidade de Portalagre, Arronches, Alegrete, Marvão, e outras povoações de importancia. E nas raizes d'este *monte* existem ainda as ruinas de Medobriga, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando so-

[1] Veja-se a *Memoria Historica sobre a villa de Cêa*, por *Agostinho de Mendonça Falcao*, pag. 4.

[2] Veja-se *Serra da Estrella* no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau.

[3] Monte *Arminho* denominou esta serra Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia historia, cap.* IV, ao descrever as armas de Portalegre.

bre a cidade destruida, conserva ainda o nome antigo, por que se chama *Herminio*. E a propria cidade arruinada, do *monte*, a cujo sopé se estende, ainda hoje se chama *Herminia*, ou *Aramenha*, para fallar portuguezmente.»

São correlativos, como acabâmos de ver, os tres objectos de que tratámos, esclarecendo-se reciprocamente as noticias que a cada um d'elles respeitam. Possa o trabalho que tivemos em colligil-as, incitar a amplial-as, como merecem, quem tenha mais vagar, e mór cabedal de conhecimentos do que o que nós possuimos.

R. DE GUSMÃO.

A FLORA DA COCHINCHINA

Em linguagem propria e pura, nos descreve o padre João de Lucena os costumes, as leis, a religião dos povos da Cochinchina. Estrangeiros e nacionaes receberam com reconhecimento estas interessantes noticias; ficámos, porém, ignorando, que plantas povoavam aquella extensa região, que recursos poderiam d'ellas tirar as artes e a medicina.

Corria o anno de 1735, e o padre João de Loureiro, alcançada licença dos superiores da companhia, cujo instituto professava, parte para a China a continuar a grande obra de Lucena, a historia natural e civil da Cochinchina, entre os demais trabalhos de sua missão apostolica.

Não podia, porém, o bom jesuita exercitar livremente entre aquelles povos a religião catholica, de que era prégador e ministro. Para grangear a faculdade de residir no paiz, o que era vedado aos europeus, e obter o ingresso na casa dos christãos a administrar-lhes os sacramentos, soccorreu-se ao titulo de medico, com que se apresentava em publico.

E feliz inspiração foi a que lhe occorreu, para subtrahir-se ás perseguições que receiava; porque, podendo ser chamado pelos gentios a exercer a profissão que annunciára professar, forçoso lhe foi preparar-se com alguns conhecimentos de botanica.

Desajudado, porém, de livros, que o podessem dirigir em estudos tão difficeis, como alheios de sua educação primitiva, de maravilha lográra conseguir as noções que desejava, se a Providencia o não protegêra em tão util empenho.

Nomeou-o el-rei director dos estudos physicos e mathematicos da corte, e á conta d'este publico favor, mais facil lhe foi alcançar, que o capitão de navios Thomaz Riddel lhe remettesse de Cantão um exemplar do *Genera Plantarum* de Linneu, e outras obras do grande naturalista sueco, as quaes lhe serviram de valiosissimo auxilio para cultivar a sciencia a que se dedicára com tão boa estrêa.

Por espaço de trinta e seis annos se entregou o padre Loureiro ao seu estudo predilecto, e, ao cabo de perigosas e dilatadas peregrinações, pôde organisar a sua *Flora Cochinchinensis*, que a academia real das sciencias publicou em 1790.

Referindo-se a esta obra, diz o conselheiro João Pinto Ribeiro nas suas *Reflexões Historicas, parte* I, *pag.* 67:

«Careciamos nós, e toda a Europa sábia, de conhecimentos botanicos, relativos á extensa provincia da Cochinchina: um nosso missionario, o padre Loureiro, nos enriqueceu com a sua *Flora Cochinchinensis*. Não sou juiz competente para a abonar; mas a nossa academia real das sciencias de Lisboa a julgou muito digna de a publicar pelo prélo em dois volumes de 4.º

«E não é só isto: já ha muito, no catalogo das obras concorrentes á feira de Leipsik, se annunciava á venda a sexta edição da mesma obra.»

R. DE GUSMÃO.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

QUESTÃO PHILOLOGICA

Lê-se na obra do P. Manuel Bernardes, intitulada *Os ultimos fins do Homem*, a pag. 86, o seguinte: «O espelho é feito para nos representarmos n'elle, tornando para os olhos as especies que saíram do objecto. Que importará que o *marco* e guarnição d'esse espelho seja de ébano marchetado, ou de relevos dourados e *cantoneiras de bastiões*, se o vidro for baço, ou estiver empannado?»

Poder-nos-ha dizer o illustre redactor do *Archivo*, que peças são as do espelho, que indicam as palavras sublinhadas?

No *Diccionario* de Moraes, de que fazemos uso, não encontrámos a definição d'aquelles termos, que devem pertencer á marceneria.

R. DE G.

RESPOSTA

Muito nos contenta podêrmos prestar a tão douto escriptor, o auxilio da leitura que temos dos documentos e auctores antigos.

Marco do espelho se chamava ainda no seculo passado, ao pé ou base torneada que lhe servia de apoio.

Cantoneiras de bastiões eram os angulos ou cantos, de prata com figuras ou lavores de relevo, que acaso tomaram este nome dos irmãos Bastiões, ourives insignes do seculo XIV, auctores d'estas peças. Viterbo cita um documento de 1359, em que se falla de *taças obradas em bastiaaens* (bastiães ou bastiões, como indifferentemente se escrevia d'antes); nas provas da *Hist. Gen.* tambem se mencionam alguns, maximé nos testamentos; e D. Francisco Manuel de Mello, nos *Apologos Dialogaes*, pag. 226, cita um *gomil e prato de bastiões*.

Diogo do Couto, na Dec. 6. liv. 4. cap. 6. descrevendo o triumpho com que D. João de Castro foi recebido em Goa, diz que o procurador da cidade se chegou a elle e lhe tirou a gorra da cabeça, com muita cortezia e reverencia, e a poz em um formoso *prato de bastiães dourado*.

Os continuadores do *Dicc.* de Moraes dizem que se deve escrever *bestiões* e não *bastiães*, porque eram lavores em que só estavam esculpidas as bêstas!

Não haverá tambem quem diga que esta correcção é uma *bestialidade?*

Quem nos tira todas as duvidas, tanto sobre a ortographia como sobre a significação d'este vocabulo, é o consciencioso fr. João Pacheco, o qual andou inquirindo, como Bluteau, pelas officinas, a genuina denominação de todos os instrumentos e artefactos de que fez tão copiosos catalogos no seu *Divertimento Erudito*, obra que tem desconhecido os continuadores e corruptores de Moraes, mas que muito nos tem servido para o acrescentamento e conclusão do *Diccionario de Ramalho*, de que fomos encarregados pelo seu actual proprietario, o sr. A. Herculano.

A respeito d'esta obra do nosso classico fr. João Pacheco, pondera, com boa critica, o primeiro bibliographo portuguez, o sr. Innocencio F. da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, t. 3. pag. 431, depois de apontar os meritos do livro, o seguinte:

«Comtudo, é hoje pouco menos que desconhecido (o *Divertimento Erudito*); e talvez a maior parte dos que entre nós se acclamam litteratos, nem d'elle ouvissem fallar.»

Diz bem.